

## Muito Mais que um Nome: Vítima, Cidadania, Espaço Público e Gestão do Sofrimento

### Much More than a Name: Victim, Citizenship, Public Space and Suffering Management

GATTI, Gabriel (ed.). *Un mundo de víctimas*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2017. 431 p.

Márcia Leitão Pinheiro<sup>1</sup>

O livro *Un mundo de víctimas* (2017) é organizado pelo sociólogo uruguaio Gabriel Gatti, atualmente professor titular da Universidad del País Vasco. Ele tem pesquisado sobre desaparecimento forçado de pessoas no Uruguai e na Argentina (2014) e as políticas de gestão de população (2011). O trabalho aqui resenhado está ligado ao projeto de pesquisa *Mundo de víctimas. Dispositivos y procesos de construcción de la identidad de la 'víctima' en la España contemporánea. Estudios de cuatro casos paradigmáticos* (2012 a 2015) e contou com a colaboração de estudiosos de universidades e centros de pesquisas localizados na Espanha, Chile, França, México e Portugal. O livro busca focalizar criticamente os processos sociais arrolados na constituição de uma personagem identificada como a *víctima*. Trata-se de uma figura com registro na vida contemporânea e que expõe na arena pública seu sofrimento.

O tema do infortúnio e da dor remete ao texto de Marcel Mauss (1999), que teve como foco as expressões orais dos sentimentos e a descrição dos infortúnios daqueles que, em específicos rituais, externavam sua dor e seu luto. Tais manifestações envolveriam os integrantes das tribos a partir do compartilhamento de uma linguagem – danças, choros, canções, gritos. Mauss ainda não deixou de apontar também para a atuação de feiticeiros e vingadores - possuidores de conhecimentos e de técnicas, vistos como fundamentais para a composição do espaço de expressão da dor.

A inscrição das dores na arena pública da sociedade contemporânea conta com aparatos para o reconhecimento da vítima. Segundo Wieviorka (2009), essa categoria obteve visibilidade no espaço público, sobretudo a partir da década de 1960, diante de novos modos de ação contra a violência - étnica, religiosa, cultural- vivida no passado e que afetava a existência individual e coletiva. Coube ao Estado se deparar com os danos apontados e efetivar medidas que expressaram as alterações institucionais, que compreenderam mecanismos, práticas e especialistas. Estas iniciativas marcaram uma nova lógica viável à expressão do infortúnio, bem como sua compensação. Fassin (2015) observa que a exposição e o reconhecimento da experiência de sofrimento podem ser pensados a partir da vigência de uma economia moral e produção de sentimentos. Para o autor, a política contemporânea pode avaliar situações de interesse ou desinteresse burocrático pela condição de sofrimento apresentada por indivíduos e grupos. Valores, normas morais, estereótipos e sentimentos perpassam o modo como um governo deve lidar com aqueles que apresentam certas especificidades e sofrimentos, podendo ou não ser considerados cidadãos.

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Humanas (Antropologia Cultural) pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA-UFRJ). Professora do Laboratório de Estudos da Sociedade Civil e do Estado da Universidade Estadual do Norte Fluminense (LESCE-UENF, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil). E-mail: marcialpx@hotmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6695-4585>.

O livro organizado por Gatti busca historicizar e analisar densamente a configuração contemporânea na qual a *víctima* se torna uma personagem com importância política. A obra contribui para as reflexões sobre exposição de sentimentos e dores, mecanismos de gestão da vida social, especialistas, moralidades e valores, demonstrando ser um trabalho de fôlego. Além da apresentação, vinte e quatro (24) artigos compõem o livro, escritos por pesquisadores integrantes do projeto de pesquisa e também por convidados.

Na "Presentación", Gatti introduz o objeto do livro: uma personagem histórica que configura um espaço multifacetado em vigência na Espanha nos dias atuais. Assim, são listadas diferentes associações que trazem em sua denominação o substantivo feminino *víctima*. Elas não estão ligadas somente a questões políticas, mas a situações diversas que são contempladas como de vulnerabilidade social: afetados por terrorismo, por violência estatal e policial, bem como situações diversas como, por exemplo, violência de gênero e acidentes de trânsito. Algumas associações possuem efetiva organização e outras menos, porém corroboram um espaço caracterizado por pluralidade de sofrimento e concorrência por reconhecimento, assim como de profissionais e técnicas voltados à gestão da dor. Trata-se, portanto, de um objeto que possui densidade histórica e sociológica, principalmente por suas dimensões, pluralidade e arestas.

A primeira seção, intitulada "Herramientas teóricas", diante da complexidade do objeto, apresenta o leitor a um glossário voltado às especificidades da *víctima*, dimensões e amplitudes. Para pensar o que essa categoria envolve, mobiliza-se o edifício teórico-conceitual desenvolvido pelas ciências sociais, principalmente, pelas tradições francesa e anglo-saxônica.

A abordagem francesa tem refletido sobre os vulneráveis como ocupantes de uma situação a ser ultrapassada, de modo a não afetar a estrutura de posições. Contudo, tem-se visto que essa concepção de transitoriedade foi desafiada, já que os chamados *vulneráveis* têm buscado o reconhecimento de seus sofrimentos, da situação de minoria ou da subalternidade como algo não mais passageiro.

A abordagem anglo-saxã é também contemplada por conceber o vulnerável como possibilidade da "condição humana" (GATTI, 2017, p. 32), formando comunidades tecidas pela dor e sofrimento. Elas integram as experiências da *víctima*, que é naturalizada e tratada como universal, bem como suas qualidades – linguagem, corpo e sentidos.

A segunda seção, "El mundo de las víctimas en España (y mas allá)", apresenta reflexões sobre a vigência de um *campo de víctimas*, tendo por referência a elaboração de campo apresentada por Bourdieu (2003). Sua caracterização não se dá somente por ofícios, pela circulação de especialistas, instituições e mecanismos empregados na gestão da dor. Para a compreensão da complexa constituição desse campo, torna-se adequado considerar também as causas mobilizadas por aqueles que buscam o estabelecimento de um espaço de expressão. Todavia, esse não é definido somente pelo consenso, porque vigoram também disputas e negociações que envolvem as posições e a luta por reconhecimento, que distingue os indivíduos e/ou grupos.

Na seção, ainda busca-se constituir a história do campo das vítimas e, para tanto, destacam-se alguns casos políticos, as mobilizações e as reivindicações que estimularam, bem como as respostas estatais. Ainda é discutido que o campo em questão comporta diferentes associações que ultrapassam os conflitos políticos e se fazem presentes na vida política e mediática, sobretudo com a elaboração de identidade e a organização de uma economia moral.

A terceira seção, chamada "Entre expertos y administraciones", caracteriza-se por temas que atravessam o citado *mundo de víctimas*. Os artigos focalizam as instituições profissionais, os saberes e os fazeres que as integram, possibilitando discussões sobre os dispositivos de gestão do sofrimento – com a participação dos sujeitos. Nessa vigorosa trama, as instituições governamentais aparecem como instâncias que visam a colocar ordem em tal mundo. Para tanto, contam com profissionais – advogados, assistentes sociais, antropólogos, sociólogos, médicos, psicólogos, entre outros –, instituições, práticas, conhecimentos e procedimentos como elementos de poder e da rede de governo.

Para tratar do aspecto formado por mecanismos e especialistas, o pensamento de Michel Foucault (2010, p. 6-7) é um referencial, sobretudo por tratar do poder-saber e sua ação sobre a vida dos outros, bem como das “formas de subjetivação”, por meio das experiências ou “pragmáticas de si”, para a compreensão da constituição da *víctima* e sua relação com os dispositivos de poder. Acrescenta-se ainda a noção de *mundo da vida*, difundida por Alfred Schutz e Thomas Luckmann (2003), para ressaltar as ações dos sujeitos e como eles corroboram os dispositivos utilizados na sociedade.

A citada seção não deixa de fora aqueles desaparecidos e mortos em eventos de violência política e afirma como ponto forte o entendimento sobre a etnografia diante da complexidade que coloca a violência e as políticas de reconhecimento de vítimas. Para além do limite disciplinar, cabe ao pesquisador refletir sobre o lugar de pesquisa e reelaborar a presença etnográfica, para entender como a *víctima*, seu corpo - mesmo ausente - e sua memória são elementos relevantes para compor o espaço público.

Da materialidade do corpo à fala, a intercessão entre saúde mental e direitos humanos é explorada para compreender uma realidade social perpassada pelo terror ditatorial, conforme se deu na Argentina. Ainda é oferecida uma reflexão crítica sobre as ferramentas internacionais aplicadas no enfrentamento das tensões políticas locais e na gestão do passado de violência, sobretudo quando se fala em justiça transicional. A atuação de especialistas, a vigência de propostas e o envolvimento de ativistas expressam atuações e fazeres que integram encontros e desencontros ideológicos e políticos que tensionam o par justiça/paz.

A quarta seção, denominada “La *víctima* ante la ley”, apresenta problematizações sobre a produção de um direito assentado no chamado triplo “re” (reparação, reconhecimento e resgate da memória). Isso envolve a vigência de sensibilidade, de procedimentos técnicos e administrativos e o questionamento do traço punitivo da justiça, que demarca assimetrias de proteção e direitos.

Na referida seção, a etnografia favorece discutir a produção dessa personagem, principalmente, explicitar as especificidades e os meandros de como o cenário judicial está focado na gestão das situações colocadas sob seu tratamento. A etnografia também contribui para abordar o espaço judicial, especificamente como o testemunho, o *sofrimento* e a *compaixão* possibilitam problematizar como as *víctimas* intervêm e refletem sobre o processo jurídico e como sua presença pode provocar mudanças nos tribunais.

A quinta seção, intitulada “Lo humano vulnerado y la educación moral”, contempla artigos que tratam da inscrição da *víctima* em diferentes cenários. Isso ocorre em programa em educação para os direitos humanos. A busca por fomentar outra sociabilidade é entendida como imbricada com uma forte moldura moral-pedagógica. Ainda vemos a problematização das diferenças que perpassam as condições de vítima e vitimizador, que apresenta variados níveis, além da reflexão acerca de uma ética para o reconhecimento da *víctima*.

Por fim, a ligação entre trabalho e cidadania possibilita expor mais uma faceta do objeto proposto desde o início do livro. A proximidade entre a ética do cuidado e a ética da justiça colabora para focalizar as tensões que envolvem o direito das trabalhadoras/res ou as mulheres com trabalho doméstico assalariado e suas experiências de violência intradoméstica.

A última seção, “Estética y lenguaje de las *víctimas*”, está dedicada ao tema dos limites possíveis da condição de *víctima* e reúne artigos que focalizam a literatura, a fotografia e a autobiografia. No primeiro trabalho, a modelagem da dor é o ponto de partida para um exercício intelectual que retoma a cultura barroca, entendida como uma ancoragem para compreender os modos de representação da *víctima* e sua dor na atualidade. Os registros das fossas mortuárias da Guerra Civil Espanhola, os álbuns de famílias, que registram parentes desaparecidos em decorrência de tensões política na Argentina e no Brasil.

Outra abordagem contempla a intercessão entre cultura e política para a construção social da *víctima*. Isso ocorre a partir da análise de filmes, considerando que as películas possibilitam explicitar uma concepção de *víctima* e a narrativa de sua complexidade social. Por fim, a transição política aparece como um tema para compor um desenho diferenciado da *víctima*

diante da combinação entre autobiografia e análise cultural. Isso permite falar das tensões e dos abalos provocados na ordem subjetiva, bem como destacar as transformações culturais ocorridas na Espanha, a partir dos anos de 1970.

Por fim, o livro ainda apresenta um desenho do projeto de pesquisa *Mundo de vítimas. Dispositivos y procesos de construcción de la identidad de la 'víctima' en la España contemporánea. Estudios de cuatro casos paradigmáticos* (2012 a 2015), desenvolvido pela equipe de pesquisadores que integra o livro. Com ele, é possível aceder como os pesquisadores recortaram o campo e os eixos privilegiados para compor e investigar o que tem sido nominado por *mundo de vítimas*. Ainda é oferecida ao leitor uma explicação do universo de entrevistas em profundidade e sua organização, a formulação de um *campo de vítimas*, os eixos que orientaram as observações e as etnografias, o desafio de os antropólogos constituírem um caderno de campo, no qual a equipe de pesquisa fez seus registros, que foram fundamentais quando se deu o uso de *software* específico.

A obra aqui resenhada apresenta artigos inéditos e veicula diferentes reflexões de recorte multidisciplinar e elas formam um conjunto de problemas, faces, ângulos e respostas acerca da condição de *vítima* e de sua reconstrução social. Ela é analisada como personagem comum e capaz de ampliar o debate sobre comunidades de expressão de sofrimento, visibilidade no espaço público e economia moral. Isso é relevante porque se trata de fenômeno que apresenta feições locais, hierarquias, consensos e dissensos. Não é algo de menor impacto, uma vez que envolve o tensionamento das conhecidas concepções de sujeito, cidadania e direitos humanos por aqueles que enfatizam a condição ordinária de vulnerabilidade social. O livro também é adequado para o questionamento e a discussão sobre a mobilização da categoria vítima em outras cidades e países e como ela tem sido reconhecida. Seu uso pode contribuir para evocar e inquirir, de um lado, situações locais de crítica da condição de vítima e, de outro, como a formação de espaços de compartilhamento da dor coopera para questionar configurações políticas, econômicas e jurídicas. Portanto, sua leitura descortina como uma personagem tem impactado a vida social nos dias atuais e instiga possibilidades de abordagem e de compreensão das tensões acerca da precariedade social e luta por reconhecimento e reparação, sendo, assim, indispensável para as ciências sociais.

## Referências

- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- FASSIN, D. La economía moral del asilo: reflexiones críticas sobre la «crisis de los refugiados» de 2015 en Europa. *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, Madrid, v. 70, n. 2, p. 277-290, 2015.
- FOUCAULT, M. *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.
- GATTI, G. (ed.). *Un mundo de víctimas*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2017. 431 p.
- GATTI, G. El lenguaje de las víctimas: silencios (ruidosos) y parodias (serias) para hablar (sin hacerlo) de la desaparición forzada de personas. *Universitas Humanística*, Bogotá, n. 72, p. 89-109, 2011.
- GATTI, G. *Surviving forced disappearance in Argentina and Uruguay: identity and meaning*. New York: Palgrave Macmillan, 2014.
- MAUSS, M. A expressão obrigatória de sentimentos. In: MAUSS, Marcel. *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1999. p. 325-335.
- SCHUTZ, A.; LUCKMANN, T. *Las estructuras del mundo de la vida*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.
- WIEVIORKA, M. *Violence: a new approach*. New Delhi: Sage Publications, 2009.